

MICROSCOPIO

Grande e nobre documento é a carta com que Alfredo Palacios renunciou à reitoria da Universidade de Buenos Aires. Mais uma vez se defrontaram a razão e a força, o espirito e a materia; e, mais uma vez, o espirito venceu a materia, a razão a força bruta. Passam os desatinos do despotismo, como passam todos os flagelos; mas a soberba lição dada pelo inerme professor argentino, esta repercutirá nas consciencias por muito tempo e concorrerá para o patrimonio moral da humanidade.

Nada sou e nada posso, porque, "como reitor da Universidade — disse ele — não disponho de outro recurso, senão o da lei" e esta já pouco vale, porque o governo "pode, a seu arbitrio, resolver sobre o que julgar mais conveniente". Mas, "antes de mais nada, sou um educador" e um educador, "segundo as palavras de Bergson, é um criador de ações, de tendencias morais, nunca um funcionario sem alma". "Minha dignidade, como educador — acrescentou ainda — não pertence a mim, apenas; é um exemplo, que devo à juventude".

No ato com que Alfredo Palacios se negou à demissão ilegal e arbitraria de alguns colegas e nas palavras que o justificam, tem-se o verdadeiro conceito do professor, que alguns pensam ainda ser um simples expositor de doutrinas, ou um paciente investigador de curiosidades scientificas, mas é, acima de tudo, um educador da mocidade, um plasmador de cidadãos.

Como todas as grandes e fecundas lições, transcende o âmbito universitario a lição do professor argentino. Aplica-se, por exemplo, aos homens públicos, que, embora desarmados ante a irrupção da ilegalidade e da violencia, nem por isto se acham dispensados de lhes opor o "non possumus" das consciencias adamantinas.

RAUL PILLA